

## “É importante para Guimarães ter músicos que são marcantes na História do Jazz”

ANTÔNIA ROCHA PEIXOTO  
antoniarocha@acadmico.com

Termino recentemente a 10ª Edição do Guimarães Jazz. Que balanço faz do festival deste ano? Julgo que o balanço deste ano foi positivo. Já faço parte da organização há dois anos e é particularmente gratificante se observarmos a afluência do público que tem sido cada vez maior. É um festival com grande implantação em termos nacionais e internacionais. As pessoas dedicam-se de todo o país, são solicitadas bilhetes via Internet, quem de Norte e Sul e mesmo do Nordeste (apela). Mas o grande saldo relativamente aos últimos anos aconteceu no ano passado quando o Centro Cultural Vila Flor já tinha um ano de vida. Apesar do festival neste espaço quase que dobramos a audiência nos concertos, passámos de 200 pessoas para 400 este ano (devemos notar as 200, o que é bastante bom). O Centro Cultural Vila Flor é um espaço excelente, possui parques de estacionamento e boas acessibilidades, que permitem que as pessoas se deslocam facilmente e tenham a comodidade necessária.

Além dos habituais concertos decorrem, em simultâneo, *Jazz Sessions*. Como foi a edição das sessões e estas formações?

As sessões são lado mais informal Cultural Vila Flor e com a integração e funcionamento do espaço. O Oitavo Festival Institucionalizou-se neste momento e um parçiro não tem uma forma de seduzirmos as pessoas para os concertos do Grande Auditório, procuramos como um processo de estratégia de atracção do público. As Jams assumem um papel cada vez mais importante dentro do festival, como é a componente formativa, os *workshops* que acontecem durante uma semana. São todas estas coisas (Jams, concertos do festival) seja relevante e interessante no contexto dos outros festivais que abraçam um número alargado de pessoas e participantes, quer aqueles que vão ao Grande Auditório, que vão às Jams e ainda os jovens músicos que vão aos *workshops*. Há, portanto, um processo de atracção e sedução que nos interessa e preferimos o subterfúo

formas de captarmos e divulgarmos jazz.

Além da Câmara Municipal de Guimarães que instituições apoiam esta iniciativa?

O Guimarães Jazz foi fundado, chamemos-lhe assim, pela Câmara Municipal e pela Associação Convívio, uma associação de Guimarães que tem um pretexto e uma tradição na divulgação cultural muito grande na cidade. Foram lá os dois entidades que deram início ao Festival há 10 anos, este foi crescendo, foi melhorando, foi-se organizando e estruturando em termos de equipa. Depois apareceram as componentes técnica e de produção e em 2006 o Centro Cultural Vila Flor apareceu uma empresa municipal chamada Oficina, que agora se juntou também no apoio ao Festival. Muita da equipa da Oficina já estava a trabalhar dentro do festival há vários anos, sem remunerar e sem retirar a importância a uma estrutura profissional. Tem necessariamente que existir um grupo local que se aproprie das coisas que se fazem, do festival nostálgico e de certa maneira, íntegro e colgado dentro do festival alguma sensibilidade, mais afectiva, mais sentimental, porque é fundamental preservar e deve existir um ligação com as componentes mais profissionais para pôr em funcionamento um equipamento tão complexo como o Centro Cultural Vila Flor. É neste conjunto de sensibilidades que podem nascer coisas interessantes, de outra maneira são tudo muito frio, muito racional, é tudo muito esquemático, fora da realidade onde está inserido e isso perde interesse e afasta as pessoas. São essas várias componentes, essas intenções todas a funcionar, que fazem com que o Festival cresça e o interesse das pessoas aumente.

### “A RUM tem alguns programas interessantes que já não há noutras rádios”

desenvolvendo ideias, vamos dar resultados das ideias e isso permite ir aprofundando de uma forma natural. Muitas vezes quando se entra com grandes projectos, grandes estruturas e grandes ideias, há o perigo de elas não funcionar e a queda torna-se muito maior.

**Há alguma idealização para o ano que vem?**  
Há sempre porque nós trabalhamos com tempo, isto é, muitas vezes andamos atrás dos músicos anos, insistimos para que eles venham, uma vez não nos podem vir quando menos contarmos eles estão a oferecer-nos a possibilidade de estarem no festival. Portanto estas coisas são todas muito circulares, temos que, permanentemente, apresentar o festival aos músicos em geral, aos que nos interessam e aos que não nos interessam aparentemente. Dar-lhes a conhecer o nosso interesse e esperar que as suas digressões coincidam com as nossas datas. O problema, muitas vezes, é termos que se em datas muito específicas um conjunto de músicos, o que nem sempre se consegue dado que eles também têm as suas intenções e também se movimentam. Portanto julgo que há sempre uma ideia do festival, umas vezes conseguimos, outras vezes não e quando não conseguimos num ano podemos conseguir no outro.

**O Guimarães Jazz é um sucesso nível europeu. Como director artístico pensa que as suas escalas têm agradado ao público geral?**  
Sim, O público é, no fundo, os músicos que lá passam e é importante para Guimarães ter músicos que são marcantes na

▲ *Ivo Martins Jazz e Percussão do Guimarães Jazz 2007*

História do Jazz. Seria um contraste se uma cidade como Guimarães estava cheio de festivais há isto não seria importante no jazz, na medida em que vai a fazer a sua própria História. Talvez Lisboa e Porto não tenham esses problemas, uma vez que são grandes cidades, já tiveram muitos acontecimentos importantes, desde sempre. Guimarães tem um festival e não aparece esse facto para divulgar o jazz, não tem um festival, controla concertos e uma ideia que não é um festival na perspectiva ilustriada. Não sei qual o correcto numa cidade e numa experiência como é de Guimarães orientar um festival para um género, para um tipo ou para um conceito, porque muito mais aquilo que isso possa acontecer em Lisboa, por exemplo, numa instituição tipo Guimarães, não no Porto com Serenitas porque são estruturas que trabalham com a criação e têm outra relação com o meio que não tem nada a ver com Guimarães. A cidade berço tem que viver essencialmente da sua História e esta faz-se através figuras que são História.

**Acha que os jovens actualmente apreciam jazz?**  
Não sei, acho que o gosto sempre existiu, talvez as razões sejam diferentes. Há muitos jovens e pessoas que iam para a música e para o jazz eram diferentes das que são hoje. Actualmente as pessoas são mais interessadas de uma forma decompartimentada, por exemplo, no meu tempo havia uma carga pública muito grande, o jazz era quase um assunto tabu, há esta que quisermos experimentar coisas que, aparentemente, não eram possíveis e que não eram bem



### “Antigamente havia facções, as pessoas iam para o jazz porque estavam num determinado tipo de postura política”

vistas pela pessoa, pelo sistema, pelo meio da cidade em geral. Hoje há liberdade das pessoas experimentarem e exprimirem os seus desejos e é natural que os jovens procurem novas experiências e que concilie o jazz com outras coisas. Antigamente havia facções as pessoas iam para o jazz porque estavam num determinado tipo de postura política, tinham implícito nas suas opções uma luta contra um regime. Hoje não as pessoas vão de uma forma livre porque they appetite e por curiosidade, aquilo que as move é fundamentalmente o que as move e igualmente diferente que não

**Qual a sua opinião relativamente a RUM há que esta devia apostar ainda mais em Jazz?**

Não há o festival não tenho razão de queira. A RUM tem dois programas de jazz, um verdadeiramente jazz, o outro, do qual sou crítico, passa uma música que não tem muito a ver com o jazz. Vou muito apreciá-lo. Já jazz, acredito também outras coisas, tenho uma atitude talvez mais conservadora. Quero, portanto exprimir alguns pensamentos e colocar à consideração das pessoas um conjunto de ideias. A rádio é uma forma de se ir aguçando das pessoas com maior liberdade, ali não tenho qualquer tipo de limitação, não tenho público, nem tenho a possibilidade de ter uma casa vazia, ou de não gostarem. Como me é indiferente, tenho a oportunidade de dar a conhecer um conjunto de coisas e portanto uma música mais consistente, mais híbrida, mais variável em função daquilo que vai aparecendo. Nesse aspecto a RUM tem alguns programas interessantes que já não há noutras rádios, hoje em dia os programas de rádio estão em

extinção, são poucos os que não me de um deserto, onde proliferam muitas vezes o mau gosto e o comércio. Portanto a RUM não é uma rádio que não permita desenvolver programas de autor, que possam serem fundamentais para uma rádio. Apesar de tudo a RUM tem alguma identidade.

**“A música expressa o que não pode ser dito e eu acho que não podemos basicamente existir, queremos desenvolver o jazz, desejamos que as pessoas vão ao concerto e as Jams para se divertirem, não procuramos estar dentro de si mesmas. Não queremos dirigir nada, nem ser exemplo de coisa nenhuma, queremos basicamente fazer aquilo que gostamos, termos o mais profissional possível naquilo que fazemos. Trabalhamos as ideias até às últimas consequências, pretendemos fazer um festival que é uma oportunidade de se conhecer um pouco em crescimento com ele.**

**Depois é interessante ver como as pessoas digrem este tipo de informação que recebem e se não consideram de uma maneira ou de outra. Gostamos muito que os jovens digam bem de nós, mas não queremos incentivar esse tipo de coisas, queremos dar liberdade às pessoas e queremos para dizerem o que lhes apetece, não queremos ficar nem fazer marketing, não publicamos, não nos queremos afirmar sobre coisa nenhuma e acho que é o que está a beber de**